

ARTISTA DE RUA: (FOTO)NARRATIVAS E A RELAÇÃO PRAZER-SOFRIMENTO NO TRABALHO

Mariana Rigolin Crozatti (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Daniele Almeida Duarte (Orientadora), e-mail: marianarigi@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

70709041 - Fatores humanos no trabalho

Palavras-chave: Artista de rua, subjetividade, Psicodinâmica do Trabalho.

Resumo

A presente pesquisa visa compreender os sentidos do trabalho assumidos para o artista de rua por meio das (foto)narrativas, além de caracterizar o contexto do trabalho do artista e suas vivências laborais de prazer e sofrimento. Para a coleta dos dados, a técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada, as (foto)narrativas e a observação participante. Para a análise do material, foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática, à luz da Psicodinâmica do Trabalho. A partir das entrevistas e (foto)narrativas, com três participantes, foram produzidas fotografias e narrativas, organizadas em três categorias de análise: Cenário de trabalho, contexto e condições; Sentido do trabalho, identidade e o ser artista; e Coletivo. O estudo oportunizou conhecer de modo mais aproximado uma categoria profissional de trabalho informal, desvelando as vivências de prazer e sofrimento desses trabalhadores, os processos de trabalho a que estão submetidos e os desdobramentos sobre suas condições de vida.

Introdução

Os artistas de rua e suas intervenções se misturam ao conturbado cenário urbano, muitas vezes, contrapondo a velocidade da vida cotidiana manifestada nos incessantes deslocamentos de automóveis e pedestres nas vias públicas. Diante do jogo entre visibilidade e invisibilidade, tanto por parte da sociedade quanto pela academia, experimentada pelos artistas de rua e no cotidiano, vislumbrou-se a necessidade de investigar e aprofundar a compreensão das vivências desse grupo.

No período inicial da pesquisa realizamos um levantamento teórico-bibliográfico sobre o trabalho na contemporaneidade, o trabalho do artista de rua e suas especificidades, além de discutirmos sobre a Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 2004) – teoria que deu base para a análise do material de campo das entrevistas e fotonarrativas. O foco de estudo centrou-se nos artistas de rua que realizam apresentações em semáforos de vias urbanas.

O trabalho de arte nas vias urbanas pode passar despercebido no detalhamento de sua atividade artística, pelo ritmo veloz e indiferente do dia a dia. Contudo, é nesse cenário que sua arte visa contrapor o ritmo urbano frenético e, por meio da técnica

circense, um dos maiores expoentes de sua expressão artística, os artistas intervêm junto ao espectador abrindo possibilidades para as pessoas se descolarem por um momento das opressões atreladas ao estilo de vida formal, veloz e indiferente. O preconceito e a discriminação atravessam suas práticas, por meio da construção de um imaginário social, o que leva à invisibilidade e marginalização desses trabalhadores, que se desviam das conformações sociais e tradicionais de trabalho (CAMPOS et al, 2016). O fazer arte na rua, que tem suas raízes no circo, é um processo que envolve muito além do momento das apresentações, implicando etapas anteriores (para o aprendizado, treino e a fabricação dos brinquedos) e etapas posteriores (para o cálculo, circulação e troca das moedas). De acordo com Silva (2017), os artistas de rua expressam sentimento de insatisfação em relação aos vínculos rígidos de trabalho e de moradia, sendo a autonomia e a liberdade questões fundamentais para seu estilo de vida.

Materiais e métodos

O estudo se desenvolveu seguindo uma abordagem qualitativa, sendo uma pesquisa de campo e exploratória. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram as entrevistas, as fotonarrativas e observação participante (em encontros semanais de artistas, onde são realizados treinos, reuniões e atividades diversas). O desenvolvimento da (foto)narrativa consistiu em um encontro com o participante, dividido em dois momentos. No primeiro foi realizada uma entrevista semiestruturada e no segundo a produção fotográfica. Foi proposto ao participante que ele mesmo produzisse e selecionasse cinco fotografias de seu cotidiano laboral, para que assim, a partir de uma pergunta disparadora feita pela pesquisadora, fosse elaborada uma narrativa acerca do que cada imagem representa em relação a seu trabalho. O material foi interpretado a partir da técnica da análise de conteúdo temática, sendo a matriz teórica de referência os conceitos centrais da Psicodinâmica do Trabalho. O total de participantes foi três.

Resultados e Discussão

Partindo da revisão da literatura e do material empírico, constatamos que os relatos analisados além de estarem de acordo com a escassa produção bibliográfica acerca do tema, trouxeram informações novas e complementares desse ramo profissional, pouco explorado pela produção científica. Mediante os dados coletados no campo e a teoria, identificamos três categorias de análise que foram compreendidas à luz da Psicodinâmica do Trabalho: 1- Cenário de trabalho: organização e condições de trabalho; 2- Sentido do trabalho: identidade e o ser artista; e 3- Coletivo. Além dessas categorias manterem estreita relação para compreender o saber-fazer do artista de rua, elas expressam as relações de prazer e sofrimento que atravessam esse ofício.

Quanto às condições e organização de trabalho, verificamos que há uma diversidade de modalidades artísticas utilizadas, sendo o malabarismo, o equilibrismo e a palhaçaria os mais presentes. A rotina de trabalho não é fixa e depende da quantidade de remuneração que o artista necessita no momento, podendo ser complementada com outras atividades, como aulas de circo em

instituições ou outros espaços onde realizam seus projetos profissionais. Apesar de se tratar de um trabalho informal (não regulamentado e desprotegido de direitos sociais e trabalhistas), sem uma organização laboral pré-estabelecida por outrem, pudemos identificar que o trabalho do artista de rua possui regras e prescrições seguidas por ele próprio e pela vertente artística que orienta suas atuações, com base em sua experiência e em sua inteligência prática. Isso se dá através de procedimentos executados em suas encenações, como a entrada na cena (via pública) e a tentativa de fazer contato com o público, a realização da série escolhida e planejada e a saída para arrecadar as contribuições em dinheiro.

Na relação do trabalho com o corpo, este se torna parte do espetáculo, uma vez que o instrumento de trabalho (escolhido conforme a expressão artística) passa a ser experienciado como uma extensão do próprio corpo. Além de estar vulnerável às condições físicas e climáticas na rua, o corpo também é alvo dos olhares e julgamentos do público. Apesar do relato da ocorrência de algumas lesões em treinos ou apresentações, os artistas afirmam que seu trabalho interfere positivamente em sua saúde porque precisam manter um corpo saudável e exercitado para a qualidade de seu trabalho. Na interação com o público, os artistas encontram prazer no trabalho em ver a alegria e o encantamento no olhar das pessoas e sentir que são reconhecidos e apoiados pelo espectador. Pelo dinamismo e rapidez das apresentações, o sentimento advindo de cada momento no semáforo varia diversas vezes. Na apresentação, há sempre uma tensão, que podemos identificar como sofrimento, advinda da incerteza da relação com o outro e da impressão e julgamento que o público fará do artista. Dessa forma, o sofrimento foi atribuído ao preconceito que as pessoas têm com o circo e com o trabalho da arte na rua. Ademais, os artistas encontram a possibilidade de transformação deste sofrimento em prazer ao recorrer ao compromisso artístico estabelecido em um campo social constituído por pares, ou seja, uma ética oriunda do próprio saber-fazer artístico que se orienta por um viés transformador da vida por meio da arte. Tal razão é um fator que motiva suas metas enquanto trabalhadores, com o objetivo de alcançar diferentes pessoas ao tencionar um novo olhar sobre a arte circense e a produção social de vidas historicamente constituídas.

Quanto ao sentido do trabalho, especificamente do ser artista e estar na rua, é atrelado a um forte ideal ético e político de se colocar à disposição das pessoas para fazer da rua um lugar diferente e confrontar os padrões sociais, produzindo intervenções nos modos de vida. Os artistas afirmam que possuem um papel de levar arte às pessoas e proporcionar celebração e momentos lúdicos, importantes para a cultura da sociedade. Ademais, a ética circense está intensamente marcada na identidade dos artistas, ao optarem por um modo de vida desprendido dos valores sociais dominantes e ao assumir um compromisso, para além do semáforo e da apresentação, presente nas relações entre o coletivo e permeado por trocas de afeto e companheirismo.

O coletivo de artistas se mostrou como um fator não somente importante para as suas práticas, mas fundamental. Eles não estão isolados, pois possuem uma rede de apoio mútuo, de trocas de saberes e de cooperação, que se conectam por meio de encontros semanais, convenções de circo, em viagens e em redes sociais face a face e na internet – a amplitude desta rede atinge tanto o território brasileiro quanto internacional. O coletivo é fonte de reconhecimento e de prazer tecido em um

espaço de construção de estratégias de sobrevivência, assim como uma forma de possibilitar a continuidade dos saberes, transmitidos por meio dos processos de ensino-aprendizagem (típicos da tradição circense) e de oportunidades profissionais.

Conclusões

Por meio de sua arte, os artistas subvertem a lógica da sociedade neoliberal ao confrontarem ideias como a competitividade, o individualismo e a alta produtividade que precarizam o trabalho e a vida. Eles buscam a cooperação e a ajuda mútua, além de trabalhar com o lúdico, despertando afetos nas pessoas por meio de um trabalho que gostam de realizar e sentem prazer e identificação. Por ser um modo de vida e de trabalho que, como os próprios artistas afirmam, quebram paradigmas e padrões sociais, a arte e a arte de rua muitas vezes incomodam alguns por onde passam, sendo seu trabalho e sua expressão artística de suma importância para a vivência da diversidade na sociedade e do desenvolvimento da democracia.

Estudos desse teor são fundamentais terem continuidade para reconhecer a pluralidade de modos de trabalhos exercidos na contemporaneidade, principalmente os que não estão regulamentados. A amostra pesquisada propiciou informações ricas, que além de compor dados para o campo da Saúde do Trabalhador, das políticas públicas e para a própria sociedade e academia, explicitou o desconhecimento existente acerca dos trabalhos que fogem das formas típicas e institucionalizadas. Isso se expressa no desconhecimento de diferentes modos de sobrevivência, inclusive da vivência artística e cultural como trabalho, como os de rua e sua tradição circense.

Agradecimentos

À minha orientadora Daniele Almeida Duarte, por todo o apoio e paciência ao longo da elaboração da minha pesquisa. Também gostaria de agradecer ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/FA/Uem, pelo incentivo e aprovação da minha pesquisa.

Referências

CAMPOS, M. B. et al. O dia-a-dia dos artistas de rua da região central de São José dos Campos e Jacareí e como os mesmos se veem inseridos na sociedade. **Univap**, São José dos Campos, v. 22, n. 40, p. 389-394, 2016.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.

SILVA, J. O. Ser, estar e fazer: notas sobre circo de rua na Amazônia. **PROA - Revista de Antropologia e Arte**. Campinas, v. 2, n. 7, p. 25-46, 2017.